## NOTA BIBLIOGRÁFICA

### A PROPÓSITO DE E. LEVINAS

ULPIANO VÁZQUEZ MORO – El Discurso sobre Dios en la obra de E. Levinas, Publicaciones de la Universidad Pontificia Comillas, Madrid 1982, pp. 303, 24cm x 17cm.

Este trabalho é uma excelente e séria tese doutoral defendida junto à Universidade Comillas de Madrid. O autor é um jovem jesuíta que leciona teologia sistemática na Faculdade de Teologia da Companhia de Jesus em Belo Horizonte. A recensão desse tipo de livro, em que o autor se debate longo tempo, de modo sério e exaustivo, sobre determinado tema concreto ou autor, pode assumir dois caminhos diferentes. Situar-se no mesmo nível de conhecimento do pesquisador, acompanhá-lo em sua trajetória, e, de maneira crítica, ir mostrando suas concordâncias e discordâncias das interpretações, análises, estruturações propostas. Tal tipo de análise crítica só pode ser feita por quem conhece, no caso, o filósofo E. Levinas, no mesmo nível que o autor. Deixemo-la para os especialistas. Entretanto, é possível fazer outro tipo de recensão. Encontrar-se com o autor, na inocência de conhecimentos esparsos, mas deixar-se enlevar por ele e de dentro desse encantamento levantar perguntas, ousar observações, arriscar percepções. Coloco-me com simplicidade nessa segunda categoria de leitor.

Em nosso contexto teológico E. Levinas tornou-se conhecido sobretudo através dos filósofo-teólogos argentinos E. Dussel e J. C. Scannone, como filósofo-teólogo inspirador de certas reflexões da teologia da libertação. Tal impulso latino-americano fez-se presente na tese de modo crítico e criativo. Crítico no sentido de desconfiar de usos rápidos e extra-contextuais de E. Levinas. Criativo porque abre novos encontros entre a teologia da libertação e o pensamento poliédrico desse original filósofo judeu.

Respondendo à natureza de uma tese doutoral, o A. estrutura o livro de modo claro, lógico, progressivo, em duas grandes partes. Numa primeira parte rasga-nos diante dos olhos a problemática que os escritos de E. Levinas levantaram. Na segunda parte, trata a temática específica da tese: o discurso sobre Deus nos escritos de Levinas.

A obra de Levinas é muito complexa, aparentemente dispersa, carregada de tensões internas de tal forma que os intérpretes vão tomar direções bem diferentes. Como situar-se diante delas? Este primeiro problema é superado de maneira magistral pelo autor da tese. A primeira vista, os escritos de Levinas parecem três mananciais que correm separadamente: escritos filosóficos, ensaios sobre o judaísmo e comentários bíblico-talmúdicos. Esses três tipos de trabalhos se sucedem ao longo da vida produtiva do autor. A hipótese que U. traz ao enfrentar tal pluralidade de produção é de que a obra do filósofo, apesar das diferenças de discursos a serem estudados separadamente, tem uma profunda unidade só captável percebendo a maneira como, onde e quando os três tipos de discursos se relacionam entre si e como portanto Levinas os unifica. Noutras palavras, os três mananciais têm comunicações profundas que uma análise cuidadosa de U. conseguiu fazer aparecer. E assim, articulando sempre os três tipos de escritos, pôde U. definir etapas a partir do critério cronológico.

U. construiu uma chave de leitura, de interpretação, precisamente porque pôde, depois de percorrer o conjunto da obra, perceber a chave de produção de Levinas. Ler o autor com a mesma ferramenta que ele usou para construir a obra. Aí está um dos grandes méritos dessa tese. Tarefa difícil, insana, devido à dupla dificuldade, já aludida. Divergência dos intérpretes de um lado, e a natureza "interrompida" dos escritos levinasianos.

Logo na primeira parte U. procura superar esta dupla dificuldade. Situa rapidamente o autor com alguns dados biográficos, onde aparece a vida atribulada desse judeu nascido na Lituânia em 1906, que co-

nheceu a revolução russa morando na Ucrânia, que experimentou o exílio através da Europa, que padeceu os horrores de um campo de concentração nazista. Sua vida de filósofo está marcada por essa realidade e experiência de judeu perseguido. Não é só um "judeu filósofo" mas procurou ser um "filósofo judeu".

Empreende com vigor, depois da rápida apresentação biográfica, a classificação da obra de Levinas a partir de duplo critério: um externo por períodos e outro interno segundo a análise das obras. Esse segundo critério permite estabelecer quatro características, em forma tensional, do movimento interno do pensamento de Levinas. Colocadas no início do trabalho adquirem um caráter "credencial" e se tornarão comprovadas ao longo de toda exposição. A primeira característica tensional pode exprimir-se sob o binômio "Filosofia versus Teologia". Levinas de um lado afirma categoricamente que não quer nem pode fazer teologia. Seus escritos devem ser entendidos em clave filosófica. Contudo a questão de Deus acompanha toda sua obra de modo diferenciado segundo os períodos, desde um "discurso sobre e do silêncio de Deus", passando por sua articulação inseparável com a questão do Sentido, da linguagem, da subjetividade, da Ética, da Filosofia em geral para terminar em verdadeira "teologia fundamental judia".

Nesse ponto que interessa fundamentalmente ao teólogo, não consigo escapar a uma comparação com K. Rahner. Esse teólogo alemão considerava a "antropologia uma cristologia diminuta" e a "cristologia uma antropologia plenificada". Se traduzíssemos o termo "cristologia" rahneriano — relação direta e explícita à pessoa de Jesus Cristo — para a intelecção levinasiana – cristologia refere-se ao messias, em última análise a povo judeu — , essa tensão filosofia-teologia em Levinas poderia ser expressa com a mesma frase: "uma antropologia, uma reflexão metafísica sobre a subjetividade, sobre a linguagem, Sentido, Ética é uma cristologia, é uma teologia fundamental judaica". Como Rahner via no homem honesto sem fé cristã "um cristão anônimo", Levinas vê nesse mesmo ser humano "um judeu anônimo". Tal reflexão pertence, não às conclusões controladas da tese, mas a minha liberdade associativa interpretante.

Outra tensão básica, analisada por U., refere-se à "Metafísica versus Ontologia". Através dela se exprime a oposição de Levinas à ontologia, enquanto "filosofia do mesmo, da imanência, da Totalidade" por uma metafísica, por uma filosofia do Outro, da transcendência, da exterioridade. Levinas rejeita a insubordinação da ontologia à moral.

Assim o significado da metafísica só se expressa adequadamente na linguagem ética.

A terceira oposição "Ética versus Fenomenologia". A Ética aparece como possibilidade para "suspender" um desfecho teológico de sua investigação sobre a subjetividade como criaturalidade. Por seu meio pode-se processar renovação do sentido da linguagem religiosa e teológica. A primazia filosófica da ética arranca o homem de seu trono do "nominativo Eu" em que a filosofia ocidental o colocou, para fazer dele um "acusativo me", afastando-se assim da fenomenologia.

Concluindo as notas internas do pensar de Levinas, U. assinala a tensão "tradição judia versus tradição cristã". Depois de expor essas características, enceta uma discussão com as principais interpretações de E. Levinas. Classifica-as conforme os autores encarem a obra de Levinas como filosofia, ou teologia ou ética. Com precisão, U. avança por esse matagal confuso de interpretações. Queria deter-me sobre suas observações a respeito das interpretações teológicas de E. Dussel e J.C. Scannone, teólogos argentinos ligados à teologia da libertação. As considerações de U. são talvez severas demais por causa do ângulo de sua crítica. Há dois encontros possíveis entre uma teologia e uma filosofia. Um se definiria por uma posição intra-teórica, acadêmica. O teólogo entra no universo conceitual do filósofo, prolonga-o ou critica-o, ou supera-o, ou assume-o. É um isomorfismo teórico coerente. Foi nessa linha que U. se colocou para criticar os teólogos latino-americanos. Não conseguiu perceber como eles entraram na dinâmica teórica interna de Levinas. E nas vezes que o tentaram fazer, não alcançaram a totalidade e a dinâmica interna de Levinas por terem ficado presos praticamente a um de seus livros "Totalité et Infini". Nesse ponto, a crítica de U. procede.

Mas há outra aproximação possível de "cunho especular". O aproximante vem já carregado de intuições, de posições teóricas em parte trabalhadas e ao ler o filósofo sente ressonâncias, proximidades metahistóricas, comunhão de intuições e perspectivas. Sem aprofundar as reais aproximações, sem verificá-las com rigor teórico, deixa-se provocar, impulsionar pelo filósofo. Nesse sentido, a Teologia da Libertação aproxima-se da atitude epistemológica de Levinas que não caminha na linha de compreender a "totalidade" mas de contestar a "infinitude", exatamente como a TdaL diante das totalidades teológicas anteriores, as infinitudes teóricas tradicionais. A reflexão crítica de Levinas sobre o binômio Outro/Mesmo certamente ressoa forte na caixa acústica da TdaL. Por esse lado, as comunhões serão mais nu-

merosas. Contudo, isso não dispensa que num segundo momento se proceda ao trabalho teórico rigoroso, metódico, de uma superação de atitudes gerais, impressões generalizadas, para chegar a uma proximidade conceitual mais elaborada.

Terminando essa primeira parte do livro, U. estabelece, depois de ter passeado amplamente pelos escritos de Levinas, a hipótese de interpretação para captar o núcleo dos conteúdos e temática. Formula-a com colorido kierkegaardiano como "suspensão teólogico-ética da teologia". Desenvolve-a num amplo capítulo, mostrando como Levinas nega, enquanto filósofo, a possibilidade da teologia e como intérprete do Antigo Testamento sua necessidade. Assim o trabalho de U. se orientará na linha de investigar o sentido dessa negação filosófica e exegética da teologia e de mostrar como negar a teologia não significa rechaçar toda forma de Discurso sobre Deus.

Na IIª parte, o núcleo da tese e sua parte mais importante, U. trabalha sucessivamente as obras filosóficas, sobre o judaísmo e exegético-talmúdicas na sua interrelação nos três períodos cronologicamente separados: Iº período: escritos de 1929-1951; IIº período de 1952-1964; IIIº período de 1965-1979. Para cada período segue um esquema bastante semelhante. Situa os escritos do período no ambiente filosófico da época. Trabalha os escritos propriamente filosóficos, depois os sobre o judaísmo e exegético-talmúdicos, para num terceiro momento ver a questão teológica implicada.

Seria longo acompanharmos em minúcia esse desenrolar cuidadoso, bem elaborado dos escritos de Levinas nos três períodos acima indicados.

O primeiro período dos escritos de E. L. no referente ao Discurso de Deus pode ser resumido numa frase escrita numa carta a J. Wahl: "O discurso sobre Deus não perde sua essência religiosa quando aparece como um discurso sobre o 'silêncio de Deus' ou, inclusive, como um silêncio sobre Deus". O paradoxo desse texto é o mesmo de todo seu discurso essencialmente religioso, ainda quando nele o discurso sobre Deus seja um silêncio sobre Deus e um falar sobre o homem. Pois para L. a única linguagem adequada à teológica é a antropologia. Parece que estamos ouvindo o grande teólogo K. Rahner escrevendo que "teologia é antropologia". Naturalmente L. distancia do teólogo católico 'ocidental' na sua crítica à tradição ocidental que plasmou o discurso sobre Deus como onto-teologia ou ontologia. Tenta superar a questão do ser na linha platônica do "Bem", que é uma tradução

filosófica do Nome bíblico do Deus Criador. Com o termo antropologia, aliás não usado por L. nesse primeiro período, quer entender-se o papel central dado por L. ao 'ôntico', ie. ao humano, condição do ontológico e começo de todo saber. Distancia do discurso fenomenológico de Husserl e Heidegger, julgado "egológico monadológico", numa direção de "heterogeneidade pluralista do existente". Há uma crítica à noção de poder e domínio, que subjaz, segundo L., às teorias dos filósofos alemães. Tema que fascina a Teologia da Libertação. Poderíamos ir acompanhando a reflexão de U. sobre Levinas e percebendo os múltiplos pontos de extrema atualidade e interesse para nosso mundo de pensar e axiológico. Resumindo, podemos dizer com U. que Levinas nega nessa fase a teologia por razões éticas. O Discurso de Deus é silêncio sobre Deus. Pois num mundo em que a responsabilidade pelo outro homem é originariamente negada, o discurso sobre Deus não pode produzir-se senão como silêncio sobre Deus. Num mundo injusto Deus não é perceptível. Esta terrível verdade não é só válida para quem conheceu os horrores do campo de concentração nazista, mas também para quem vivendo num país e continente cristão assiste estupefato à terrível exploração de um capitalismo selvagem. Entende-se porque teólogos da libertação sentiram afinidade com esse pensador judeu.

No segundo período — como seria interessante poder seguir o maravilhoso pensamento de E. Levinas através da intersecção de suas obras filosóficas, sobre o judaísmo e exegético - talmúdicas conforme a brilhante exposição de U. - , temos que contentar nessa recensão com alguns pontos tomados de modo resumido. É nesse período que aparece a obra de L. mais conhecida "Totalité et Infini" e mais fascinante. É a opção por Abraão, em oposição a Ulisses. Rompe com a tradição que afirma o Mesmo por cima do Outro, onde a liberdade precede à Justiça. L. propugna uma inversão. A filosofia é a sabedoria do amor a serviço do amor. Cada passo nesse itinerário merecia um momento de reflexão. Entretanto, basta relembrar aqui alguns pontos conclusivos. De novo, temos a idéia central de que o discurso ético 'suspende' o tradicionalmente teológico. A ética aparece como superior às provas da existência de Deus precisamente porque nela, ainda que Deus seja o 'Desconhecido Irrevelado', o homem agindo eticamente o acolhe no outro que "se assemelha a Deus". Abandona-se o 'discurso sobre o silêncio de Deus', ou melhor, avança-se no sentido de explicar a visão da subjetividade e criaturalidade humanas, onde a palavra Deus se torna freqüente e recurso necessário. Esse novo discurso sobre Deus se caracteriza pela ambiguidade semântica, ao utilizar palavras como 'divino', 'infinito', 'transcendente', etc... Am-

biguidade que tem sua razão de ser no sentido de que o acesso a Deus e de Deus passa pela indeterminação do desejo que a ele conduziu, pela comunicação de atributos que predica do homem o que biblicamente se diz de Deus; enfim esse acesso passa pela moral, a ótica do humano e do divino. Pois, em definitiva, não é o Eu que acede ao divino, mas é o Outro que se revela. Naturalmente além dessa revelação do outro há também uma revelação de Deus "secundum se" (kath'autó), aonde se insere a problemática da revelação abraâmica por além da noaica. Há toda uma articulação entre essas revelações 'noiaca' e 'da torah' que se assemelha muito à problemática clássica do "natural" e "sobrenatural". Seria interessante avançar uma reflexão por esses caminhos.

O terceiro período nos deixa no limiar de uma verdadeira teologia fundamental judaica. Aquele L. que começou com o silêncio de e sobre Deus termina por construir uma teologia fundamental. Concluindo o trabalho U. afirma que "as teses de L. conduzem, em resumo, a afirmar que o conjunto de seu discurso se produz como uma 'teologia fundamental' do judaísmo que ao mesmo tempo pretende ser um 'preâmbulo da fé' para os não-judeus; entendendo tal preâmbulo como uma antropologia heterológica, a saber, como 'ética', como 'cristologia' ao serviço da 'Unificação do Nome".

Realmente estamos diante de um trabalho sério que penetrou por dentro o pensamento de E. Levinas, lhe seguiu as pulsões profundas, lhe captou os movimentos internos e nos ofereceu guia maravilhoso para entrar nesse autor original. E. Levinas é provocativo em relação a uma tradição ontológica ocidental que se impõe serenamente. Ele é incômodo para uma racionalidade acostumada às totalidades, às visões orgânicas e dialéticamente estruturadas. É não somente uma teologia 'interrompida', como U. chamou a um interessante artigo seu, mas uma filosofia também interrompida. Como certamente o aceso a esse livro seja difícil, não por causa de temática interna, mas por razões externas de divulgação editorial, — a casa editora é a Universidade Comillas de Madrid — , o leitor poderá saborear algo no artigo escrito pelo mesmo Ulpiano: A Teologia interrompida. Para uma interpretação de E. Levinas (I), Perspectiva Teológica 14 (1982, Belo Horizonte) n. 32, pp. 51-73. Esse artigo oferece alguns elementos do livro referentes à primeira parte, a saber: a obra de E. Levinas e suas características. Em próximo artigo, U. completará avançando os pontos mais importantes da tese, no referente ao Discurso sobre Deus.

Aos estudiosos de Filosofia e Teologia, que desejem realmente conhe-

cer o pensamento de E. Levinas, esse livro de U. se faz indispensável de um lado e doutro oferece perspectiva sugestiva para ulteriores reflexões. Sem dúvida, agora com maior seriedade e segurança, teólogos da libertação poderão adentrar-se no pensamento de Levinas, depois desse trabalho de sistematização, crítica, genética do filósofo judeu. O recensor fica na expectativa de que o Autor de tal tese apareça no firmamento teológico de nosso país com outras obras do mesmo valor, da mesma seriedade, construindo uma teologia digna desse nome. Os temas já iniciados nesse livro, na esteira de E. Levinas, poderão, sem dúvida, adquirir certa autonomia própria, e povoarem o espaço teológico latino-americano, com originalidade e mordência. Assim, a título de exemplo, podemos colher da ampla e diversificada temática do livro, questões como o "fim do mundo" idealista, burgues capitalista, herdeiro da Ilustração e do Racionalismo, e infelizmente de certa visão cristã, do qual o nazismo foi certo paroxismo; a violência e a injustiça como crise do monoteísmo, verdadeiro desmentido da Revelação de Deus; a corrupção da liberdade não comprometida na criação de valores espirituais; a luta contra o fechamento monádico ocidental e a função do feminino, do filho em tal movimento; etc... Enfim, a medida que se avança na leitura do livro de Ulpiano sobre o pensamento de E. Levinas o leitor vai percebendo a pertinência da problemática e sua atualidade em nosso hemisfério. E dessa contemporaneidade com o filósofo judeu podemos esperar do Autor da tese ulteriores reflexões que venham enriquecer-nos a teologia.

*J. B. Libanio*